

Salvador, verão de 2024



Por **ÉRICO ANDRADE\***

*Um transe numa triste Bahia*

Entro no carro de aplicativo de transporte em direção ao aeroporto. Saindo de Santo Antônio Além do Carmo meus olhos percorrem a cidade histórica para abraçarem o louvor a Deus, que tocava no carro na altura necessária daquilo que precisa gritar, com a imagem de mais uma igreja evangélica. Elas igual ao meu olhar, percorrem Salvador. Algumas são maiores do que tudo que as cerca. Afinal, o Deus dos evangélicos é maior do que qualquer outra coisa. Para voltar a imergir na Salvador que se apagava coloquei a barreira protetora dos fones de ouvido para em transe escutar *Transa*. Eu sempre preferi a triste Bahia da música.

No meu transe mastigava vagarosamente a experiência de viver Caetano e o seu gesto tanto delicado quanto generoso de chamar ao palco a composição original de sua banda, responsável por dar ao transe o formato musical mais intenso. Ouvia *Transa* como se fosse a minha casa em Salvador, mas me assaltava naquela minha imersão a imagem dos corpos negros vendendo cerveja, água, pipoca no festival de verão. Alguns corpos que davam a rasteira, tão propalada por Lélia Gonzalez, e se divertiam ao som de outros pretos que ocupavam os palcos. Por outro lado, corpos negros que também cansavam e me faziam lembrar que para eles o ano não começa depois do carnaval, mas bem antes, em todas as festas precarnavalescas lá estão aqueles corpos trabalhando à sua exaustão.

Claro que tantas pessoas negras circulavam pelos espaços se servindo de uma festa bonita, mas quando penso que Salvador é uma das cidades mais negras do Brasil, dou-me conta do que Patricia Hill Collins chamava atenção com o seu conceito de proporcionalidade. A quantidade de pessoas negras servindo era inversamente proporcional àquelas que estavam apenas e unicamente se divertindo. Essa dessemelhança me abatia como um torpedo. Não seria Salvador o meu refúgio, o meu quilombo?

Várias imagens de orixás tentavam me convencer de que sim. Da entrada da lagoa do Abaeté à roda que se formava em outra lagoa, passando por algumas imagens de outdoors tudo era um convite para a ancestralidade. Até mesmo a propaganda da prefeitura. Percebi, ainda sob o efeito do som de Caetano, que tudo isso é comércio, “tanto negócio quanto negociante” onde quem menos lucra são as pessoas negras que nas festas quanto não estão servindo, estão recolhendo os excessos, próprios do carnaval ou do verão, para se manterem na resiliência daquilo que é reciclo. E tudo parece que é um mesmo ciclo na Bahia. Tudo volta para onde começamos: a exploração. Não, não quero essa Bahia. Voltava a escutar *Transa*, mas algo em mim fenecia. Seria a imagem de Salvador desaparecendo “nas casas que me viam passar nos dois lados da janela”?

A resposta poderia e deveria ser sim, mas eu lembrava da imagem daquele senhor, de cabelos maduros e pele não tão clara, que se dirigia a mim para pedir o cardápio, anunciando, com o seu pedido, a minha cor que é a cor de Salvador. A Salvador, porém, mais que serve do que é servida. Somos tão fortes lá, pensava eu que queria me agarrar à esperança de estar num lugar mais acolhedor do que Recife. Lembrava que Salvador é o Brasil que raramente elege pessoas negras para

o cargo majoritário e principal da cidade. Foi na hora que tocou o refrão *“It’s a long way”*.

Não obstante, eu não deveria rimar amor e dor. Logo eu que moro na filosofia. Deveria me resignar a minha Salvador idílica e para não cair naquela fossa deveria ouvir *“Celly Campelo”*. Pensava. Afinal, o que deveria me acompanhar era a cor, o sol e o mar da Bahia. Tanta coisa linda por lá! É, mas como diria outra música: *“a vida é real e de viés”*. E a cilada que meu amor por Salvador me armou respondia pelo nome contradição.

\***Érico Andrade** é psicanalista e professor de filosofia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Autor do livro Negritude sem identidade (n-1 edições) [<https://amzn.to/3SZWiYS>].

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

[CONTRIBUA](#)